

A vitória da JN13 e da Juventude do PT
O PT e a questão racial entre a organicidade partidária e o fisiologismo
situacionista

Paulo Ramos

O primeiro Congresso de Juventude do PT aprovou duas resoluções revolucionárias: a paridade de gênero e a paridade e proporcionalidade étnico-raciais. Esta segunda proposta foi idéia gestada pela juventude negra organizada no Partido dos Trabalhadores e aprovada por consenso neste congresso.

A movimentação recente da Juventude Negra do PT, a JN13, iniciou-se há pouco menos de um ano, a partir das etapas municipais, regionais, estaduais e nacional do Encontro Nacional de Juventude Negra. Apesar de recente, esta articulação obteve uma das maiores conquistas do Movimento Negro dentro do Partido dos Trabalhadores.

Quando em Lauro de Freitas, Bahia, resolvemos reunir a juventude petista do ENJUNE, ficamos assustados e felizes com a quantidade de petistas presentes e liderando a organização do evento. A partir dali, por meio da lista de mails juventudenegra13@yahoo.com.br, delineamos no que consistiria esta nossa organização e concluímos em fevereiro de 2008, em Cajamar, São Paulo, que faríamos da JN13 um núcleo do PT, em nível nacional.

Algumas opiniões defendiam que a deveríamos pensar em construir uma nova tendência para agrupar militantes jovens do movimento negro e funcionar também nas lógicas das tendências, filiando pessoas e disputando os espaços do PT com outras tendências. Por outro lado, havia opiniões que diziam que a atuação da JN13 deveria ocorrer por dentro de cada tendência, afinal, a questão racial não deve ser apenas questão de militantes do Movimento Negro – MN ou de quem é negra/o, mas sim de todas e todos que querem um mundo livre de racismos e desigualdades raciais.

E verdade que pensar em uma tendência apenas de negras e negros é sedutor, mas as experiências obtidas não foram as mais exitosas. No último PED e no 3º Congresso do Partido dos Trabalhadores houve uma tentativa desta ordem e, embora haja pelo menos 50% de negros/as no PT, a tese Democracia Pra Valer não agregou mais do que 1% dos delegados/as no 3º Congresso.

As tendências, se bem entendidas e historicamente analisadas, são uma grande conquista do PT, pois elas dão organicidade à diversidade política do nosso partido. Não são uma “criação de brancos” como vociferam entusiasmados um ou outro petista negro – e ao dizerem isto renunciam a contribuição do MN no PT. Nossa fundação contou com trabalhadores, intelectuais, e uma gama de movimentos sociais de esquerda e havia a necessidade de pôr ordem à tamanha pluralidade política. Assim, as tendências podem fazer seus seminários, disputar eleições internas pensando para além da própria disputa, elaborar suas concepções, criar unidade consistente para fora do Partido e conservar suas características históricas. É verdade que pode dar a entender que não existe comando no partido, dada a tantas divisões. Porém, entre o centralismo sufocante e o individualismo e a falta de coesão, as tendências são o que há de mais elaborado para

ordenar nosso partido de modo que ele se mostre com unidade (sem uniformidade) para da sociedade.

Porém, na medida em que foi crescendo, o PT passou a ter problemas com as tendências; não pelo seu funcionamento, mas pelo fato de elas não terem mais tanto poder. A inserção nos poderes Legislativos fez com que uma outra forma de organização de forças passasse a atuar no PT. Os mandatos passaram a ser maiores do que as "correntes" porque possuem estrutura financeira e dinâmica mais ágil. Enquanto nas correntes as decisões dependem de dinâmicas coletivas ordinárias, nos mandatos as decisões dependem do parlamentar apenas, quando no máximo de consultas à assessoria. Assim, aquilo que foi criado para organizar a diversidade política foi sendo impedido pelas demandas imediatas. Até que nas disputas estas relações tomam ficam mais explícitas e alguns passam chamar de Partido de uma "federação de mandatos". Em miúdos, o Partido passa a ser aparelhado por esta estrutura que é mais prática, pois menos coletiva, no empoderamento e garantia de espaços políticos. Assim como acontece nos mandatos parlamentares, espaços em executivos têm esta característica quando vemos a relação de dirigentes do partido que ocupam cargos em espaços do poder executivos.

O resultado disto é tenebroso, pois faz da política do Partido dos Trabalhadores feira de conveniências e dádivas, deixando de lado a política programática. Por outro lado o que parece uma posição militante do movimento negro, um apelo à identidade não é mais do que o resultado de uma intervenção dentro dos espaços de gestão pública. Não constrói o partido, cria guetos e uma luta que deve ser de todas e todos se limita a um documento e uma tendência.

A decisão acertada da JN13 de não incorrer no erro de *disputar com as tendências*, mas sim *disputar as tendências* está no documento final do 3º. Congresso Nacional da Juventude do Partido dos Trabalhadores, em que além das propostas de paridade e proporcionalidade, há diversas outras resoluções que tocam as questões da juventude negra de acordo com os movimentos sociais. O empoderamento de negras e negros no PT, ao menos na Juventude do PT, ocorrerá não por força de uma corrente de negras e negros e/ou por vontade de mandatos ou ocupantes de importantes organismos na nação, mas sim por instrumentos que rompem com o racismo institucional.

Este tipo de instrumento torna o empoderamento da juventude negra dentro do Partido necessidade de todas as forças, pois há um número mínimo determinado para cada força ocupar em seus quadros. Isto será feito por meio da ação e do diálogo com os movimentos negros. No processo atual, porém muitas contas deverão ser refeitas, pois muitas jovens negras e negros nelas não foram incluídas.

Os orixás operaram e a JN13 optou pelo caminho da organicidade. A juventude surpreendeu e pensou no longo prazo abraçando a organicidade de constituir-se uma instância partidária e não uma força política. Cada militante da JN13 foi fazer o debate com suas tendências, valorizando sua militância pessoal e sua luta coletiva como algo indispensável para seu agrupamento. As tendências de fazer seminários sobre a questão

racial; as escolas de samba, movimento Hip Hop, terreiros de Candomblé e umbanda, Pastorais Negras deverão entrar na agenda de mobilização e intervenção das correntes. Na trilha sonora deste congresso senti muita falta de ouvir Tim Maia, Fundo de Quintal, Beyoncé, Racionais MCs, Bezerra da Silva, Exaltasamba; também senti falta de ver um tantinho só de tranças, dreads e black power, turbantes e miçangas; ainda que muitos fossemos negros e negras. Porém, no nosso próximo encontro nacional, brancos serão mais negros e os negros terão a negritude para negros se verem e se reconhecerem na juventude do maior partido de esquerda do mundo.

E a JPT, que já bebeu dos europeus Gramsci, Lênin, Marx, Trotski, beberá agora de João Cândido, Zumbi, African Banbata, Mano Brown, Dandara, Nzinga, Luiz Gama, José do Patrocínio, Nelson Mandela, W. E. B. Du Bois, Lélia Gonzalez... A JPT será África também!